

# Planalto já trabalha para recompor aliança

Missão é evitar crise de governabilidade nos dois últimos anos de FHC na Presidência

CHRISTIANE SAMARCO  
e GERSON CAMAROTTI

**B**RASÍLIA – Enquanto os candidatos da base aliada se engalfinham nos momentos finais da campanha pelo comando do Congresso, os cardeais dos partidos governistas e o Palácio do Planalto já trabalham o “day after” da eleição para evitar o pior: uma crise de governabilidade que comprometa os dois últimos anos de mandato do presidente Fernando Henrique Cardoso. Uma tarefa difícil para o “bombeiro” Fernando Henrique, que entrou em ação na semana passada, em meio a pressões, traições e até chantagens de aliados que guerream internamente, em suas legendas, e entre si, por uma fatia maior de poder no Executivo federal.

A pressa do presidente tem razões concretas. “Estamos conversando muito, porque o day after já está em curso na base aliada”, resume um ministro político. Preocupado com os governistas que ameaçam ir para a oposição em caso de derrota de seus candidatos, Fernando Henrique recebeu no Palácio da Alvorada tanto o presidente do Senado, Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA), como o da Câmara, Michel Temer (PMDB-SP). A ofensiva é para manter aberto um canal de diálogo com os parceiros da aliança, que lhe facilite recompor sua base de sustentação seja qual for o resultado da briga no Congresso.

A dificuldade adicional é que PFL, PMDB e até mesmo o PSDB, ainda que em escala menor, vivem o risco iminente de rachas internos e movimentam-se de olho nas eleições de 2002. No PFL, o lançamento da candidatura do presidente nacional do partido, senador Jorge Bornhausen (SC), é fruto não só do jogo de poder congressional, mas sobretudo da queda-de-braço entre a facção do partido comandada por ele e o vice-presidente Marco Maciel e o grupo liderado por ACM.

O Palácio do Planalto festejou discretamente a disposição de Bornhausen para entrar na corrida sucessória do Senado, cercando os votos dissidentes que poderiam desaguar na candidatura de oposição do senador Jefferson Peres (PDT-AM). Interlocuto-



res do presidente chegaram a confidenciar a preferência por Bornhausen, apontado como parceiro muito mais “confiável” do que Jader Barbalho. Mas a grita do PMDB, que reagiu rápido para evitar que o Planalto se tornasse cúmplice da candidatura pefelista, travou qualquer manobra mais ousada do governo em favor de Bornhausen.

**Favorito** – Dificuldades e denúncias de corrupção à parte, Jader Barbalho encerrou a semana na condição de favorito, segundo avaliação do próprio Planalto. A opção de lançar o senador Arlindo Porto (PTB-MG), em vez de Bornhausen, entusiasmou ministros pefelistas e tucanos e assessores próximos do presidente que, na pior hipótese, consideram muito mais “conveniente” administrar a derrota do petebista. “Se o Bornhausen entrar no jogo e perder, será a derrota mais cara para o presidente”, resume um dirigente nacional do PFL. Afinal, raciocina o político, trata-se de um compa-

nheiro leal, que preside o segundo maior partido da base aliada e é o melhor amigo do vice-presidente da República. Para Bornhausen, a derrota pode ser convertida em vitória interna, desde que saia fortalecido pelos 21 votos do partido.

Em jogo, a briga pelo comando do PFL com ACM, que tornou-se pública ainda em 1999, durante as negociações para aprovar o salário mínimo de R\$ 151. Com o partido em torno de si, Bornhausen sairá do episódio credenciado como o principal interlocutor do PFL frente ao governo, isolando a liderança de ACM. Mas terá de ter a cautela de não prejudicar muito a candidatura de Inocêncio Oliveira (PE) à presidência da Câmara, porque o controle do partido também passa pelo líder pefelista.

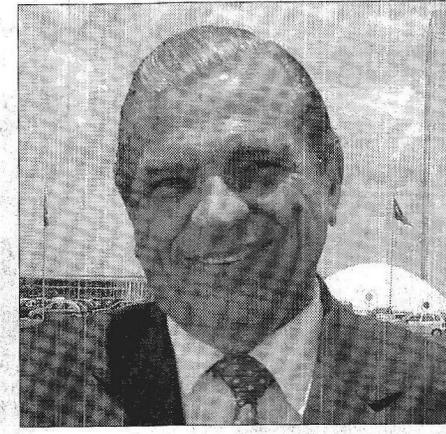
“O ingresso do PT na bri-

ga pela presidência da Câmara garantiu o segundo turno, dando boas chances a Inocêncio”, tem repetido Bornhausen. Mas ele também sabe que seu lançamento no Senado prejudicaria a campanha do líder pefelista. A cúpula do partido acredita que, se Inocêncio garantir uma disputa apertada com Aécio, sairá como “herói da eleição”, independentemente do resultado. Isto será suficiente para mantê-lo na liderança, que é hoje objeto de desejo de ACM, para emplacar o deputado José Carlos Aleluia (BA).

No cenário de vitória de Jader, setores do PFL não têm dúvidas de que ACM baterá forte nos líderes e ministros do PMDB, o que acabará forçando o presidente Fernando Henrique a demitir pelo menos um de seus ministros, entre outros cargos federais em mãos de carlistas, para distri-



*Fernando Henrique e outros personagens da crise, ACM, Jader, Aécio, Inocêncio e Geddel (em sentido horário): em meio a pressões, traições e até chantagens de aliados que guerream por uma fatia maior de poder no Executivo, o presidente já está assumindo o papel de “bombeiro” para manter a coalizão governista, prevendo o que está por vir após as eleições para a presidência da Câmara e do Senado, na quarta-feira*



bui-los aos pefelistas fiéis. Além da vantagem de livrar o presidente das críticas pesadas de ACM, os ministros e dirigentes do PMDB têm se empenhado em mostrar ao governo que a vitória de Jader traz outras vantagens. Defendem a tese de que a derrota do PMDB no Senado jogaria o partido irremediavelmente na oposição. Nesta hipótese, não mais sob o comando de Jader, e sim do único governador que Fernando Henrique coloca na lista de seus inimigos pessoais: o mineiro Itamar Franco, sem partido, a quem o PMDB já tratou de abrir as portas para ameaçar o Planalto.

**Poderes** – Mas ministros e assessores mais próximos do presidente sabem que as urnas não porão fim à guerra de denúncias entre Jader e ACM, que se tornou pública há dez meses – desde o duelo entre os dois na tribuna do Senado, ainda em 5 de abril do ano passado. Mais do que isto, somou-se a ela a briga de poder na Bahia, onde o lí-

der do PMDB na Câmara, Geddel Vieira Lima, já ameaça disputar o governo do Estado contra ACM em 2002.

Além de tudo isso, Fernando Henrique tem rescaldos da eleição no Congresso para gerenciar em seu próprio partido. Raciocinam os tucanos que a vitória eventual de Aécio na Câmara e Jader no Senado fortalece o ministro da Saúde, José Serra (PSDB), frente ao governador do Ceará, Tasso Jereissati (PSDB), ambos pré-candidatos à sucessão presidencial.

Isso sem falar no quadro mineiro, em que Aécio e o ministro das Comunicações, Pimenta da Veiga (PSDB), já insinuam suas candidaturas ao Palácio da Liberdade. Mas antes dessas definições, os tucanos ainda terão de enfrentar o desafio de administrar, sem provocar novas crises, a troca de comando na direção nacional do partido e nas lideranças da Câmara e do Senado, onde o senador Sérgio Machado (CE) insiste em fincar pé, contra a vontade de Tasso.

**E**LEIÇÃO  
NÃO ENCERRA  
BRIGA ENTRE  
ACM E JADER